



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

24 DE NOVEMBRO DE 1956
Ano XIII — N.º 332 — Preço 1\$00

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO



O Américo daquele tempo

Facetas de uma Vida

As nossas despedidas em 1915, a que já fiz referência em número anterior deste jornal, foram de longa separação. O Américo regressou de casa dos pais a Lourenço Marques e eu voltei do Natal às lides missionárias da Beira.

Quando em Dezembro de 1920 fui nomeado pela Santa Sé bispo titular de Augusta e Prelado de Moçambique, demorei a sagração por motivo de saúde, até Abril de 1922, e foi no fim de Outubro desse ano que cheguei a Lourenço Marques.

O Américo ainda lá estava. Procurou-me. Era despachante dos vapores de que a firma Breyner & Wirth era agente. Vivia em república com dois rapazes amigos.

O Alto Comissário, Dr. Brito Camacho, tinha cedido, a instâncias de D. Judite Nápoles Afonso de Carvalho, esposa do

Chefe de Gabinete, um andar da Casa dos Hóspedes para residência temporária do Prelado. Aqui aparecia o Américo à noite, depois de comer, para conversar.

Um dos companheiros esperava pela noiva que vinha precedida de fama de boa cristã e de professora distinta de piano. A «república» cedia-lhe a casa e desfazia-se. Por isso tinha pressa na minha visita às suas instalações. Instado por ele, fui um dia até lá, onde me mostrou o seu quarto modesto e simples. Convidou-me a tomar chá com ele. Estávamos sós. A conversa foi abundante. Diga-se de passagem que a moradia gozava de boa reputação. O Américo comandava.

O gabinete das nossas conversas depois de jantar era a varanda da minha residência.

Foi na intimidade destes colóquios que penetrei na alma do Américo e nos seus anseios. Andava esquecido da prática dos deveres religiosos, sem, contudo, ser um descrente; era vítima do ambiente em que vivia. Não frequentava a igreja, nem a procurava. No seu espírito amontoavam-se dúvidas, que, incapaz de as resolver, mas propunha para eu dar qualquer solução. Desejava saber a razão última do que aprendera no regaço da mãe, no catecismo e no colégio, e

pedia explicações com ares por vezes infantis. Na sua ignorância dos mistérios da Fé, pretendia penetrá-los. Eram interessantes estes nossos entretenimentos, à mistura de devaneios recreativos. Contava-me o sumário da sua vida, para desabafar. Se havia sido folgazão, nunca fora estúrdio; tinha sempre honrado as tradições da família, da qual fazia parte um padre, seu irmão mais velho. A educação da infância fora religiosa e o tempo passado no colégio lazarista de Santa Quitéria de Felgueiras mais a aperfeiçoou.

Foram certamente as saudades dos nossos serões que lhe ditaram as palavras da oferta do seu livro *Pão dos Pobres* (I, 2.ª Edição, Coimbra 1942):

«Ao meu Excelentíssimo Amigo Senhor D. Rafael, que me abriu o Caminho da Luz na cidade de Lourenço Marques no ano de 1920, Ofereço humilde P. Américo».

Aqui houve lapso de pena ao marcar o ano. Foi em 1922 e não em 1920, porque nesta data eu ainda não tinha chegado a Lourenço Marques.

Parecidos sentimentos traduzem estouradas palavras de agradecimento ao meu telegrama de felicitações pelas suas bodas de prata ocorridas em 29 de Julho de 1954:

«Paço de Sousa, 10/8/54
Meu muito querido Amigo
Senhor D. Rafael:
Como quis lembrar-se de
Continua na 2.ª página

Tribuna de Coimbra

POR
PADRE HORÁCIO

Semeia carinho e receberás amor. Espalha confiança e colherás generosidade.

Foram estes os princípios de educação que levaram o Pai Américo a provocar esta revolução de bem que estamos a contemplar. E são ainda os mesmos que hoje regem as Casas do Gaiato.

E porque são princípios certos e justos, os homens de boa vontade deixam-se influenciar.

Na penúltima venda de «O Gaiato», em frente de Santa Cruz, aproximou-se uma senhora de um nosso pequenito vendedor de dez anos e entregou-lhe doze notas de conto para me entregar. Retirou-se e nem uma palavra a indagar se sim ou não ele entregou.

Nessa mesma altura um dos nossos do Lar encontrou na rua uma carteira com mil e quinhentos escudos e foi-se a ver quem era o dono e entregou.

Já antes um outro encontrou um envelope com uma pequena quantia e foi entregar à esquadra.

Nos três reinou a alegria. Não sabemos se mais no que recebeu, do que nos que encontraram. Certamente a mesma, porque a alegria é o resultado necessário dum dever cumprido.

Nós somos testemunhas, de toda a hora, de acções destas. Ainda ontem os nossos dois pe-

queninos, o Toninho e o Ruizito, perguntavam a uma senhora visitante se tinha dinheiro. A senhora, muito admirada, perguntou-lhes para que o queriam. E eles, muito inocentemente, responderam que era para me entregar. E de facto, quase todos os dias eles aí vêm muito contentes com moedas na mão a entregar.

Quanto mais confiança depositamos, mais responsabilidades criamos e mais acções nobres esperamos.

Neste momento em que a humanidade não se entende, em que os homens perderam a confiança uns nos outros, em que impera o egoísmo sem o mínimo respeito pelos direitos humanos, em que os homens pegam em armas para estabelecerem a paz em si mesmos, nós temos de proclamar bem alto que a verdadeira paz só pode vir pela confiança e amizade mútuas entre uns e outros. A paz é fruto do dever cumprido, é resultado da presença de Deus aos destinos humanos.

Deus é Amor. E só na medida em que O amamos e Deus seja amado na sociedade, só nessa medida a Sociedade terá a verdadeira paz, fruto do Amor de Deus.

Temos que nos convencer de que somos todos filhos do mesmo Pai, resgatados pelo sangue do mesmo Irmão Jesus, santificados e assistidos pelo

mesmo Espírito, com o mesmo direito à herança do Pai Celeste.

Nunca até hoje nos arrependemos do carinho e responsabilidades que depomos nos
Continua na 3.ª página



De nome próprio que foi, Barredo tornou-se comum. O meu barredo de hoje não é o da Ribeira. Chama-se «Xangai», mas é ainda barredo.

De passagem parei nas minhas velhas pobres de outros tempos. Ramalde do Meio. A nova Via Rápida passa à beirinha, onde então eram campos de cereal. Recordei com saudade, noites de luar, com o canteiro ondulado à brisa de Maio. O ritmo da vida era mais lento. Gastava três quartos de hora a bom caminho e outros tantos no regresso. Uma hora por lá. O dia vicentino era de noitada. Estas noitadas me deram o sabor do Pobre. Por elas ganhei

Visado pela
Comissão de Censura

a consciência do Caminho.

Agora a velocidade é outra. Ultrapassou-se o paralelo do sabor. A Caridade ilumina como sol do meio dia a rota da Justiça. Há o «dever» de ir ao Pobre, ainda que depressa. Mas ao nosso coração prendem-se saudades dos tempos vagarosos em que eram campos de cereal em vez da Via Rápida e havia lugar para o sabor.

A senhora Laura ocupava o seu posto na cozinha, como sempre.

«A nossa vida ia tão direitinha...» Mas agora a fábrica de teelagem vai fechar. Já dá somente três dias por semana. E as duas ganha-pão daquela casa, sofrem a incerteza do próximo futuro.

A Senhora Preciosa tem as filhas todas casadas. Fiquei admirado, mas contei os anos

e dava certo. As rapariguitas de há oito anos são todas mulheres. E ela conserva ainda aquele sorriso permanente que um dia desabrochou em gargalhadas, quando me disse que ia mudar da velha retrete de 1,20x1,20 para um ex-curral de porcos, «que é um palácio».

Quanto lhe devo a esta minha Mestra de Alegria!

Em «Xangai» andam obras. O ribeiro está a ser canalizado. Há perspectivas de ares mais saos em breve. Por muito mau que tudo seja ali—e é!—sempre este barredo é mais segundo a natureza que o Barredo. O mar fica a uns metros. Se sol, é sol. Se chuva e vento, é chuva e vento. Mas não se faz a experiência do túmulo em vida, como no barredo da Ribeira.

Continua na 3.ª página

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Tomar, eu e o Morris tornamos à estrada. A largos traços ficamos conhecendo tudo quanto existe do Património — ou vai proximamente existir — ao norte do Douro. Tudo, não direi bem; mas quase tudo sim.

Viagem feliz, esta! Vimos casas, muitas e lindas casas. Mas por sobre o valor delas encontramos espírito forte que é garantia de eficácia e a certeza de que se caminha até à suficiência reclamada pela Justiça.

Este anseio de suficiência topamo-lo logo na primeira paragem: Livração. Há quatro casas e duas a subir. Muito bem aproveitadas, muito limpas, com uma situação de invejar. Por duas vezes Pai Américo se referiu à situação destas e, contra a suposição de alguns, sem se contradizer. A primeira, elogiou o pároco pelo aproveitamento dum terreno escarpado, que parecia não dar senão para mato e deu quatro casas com seus quintais. A segunda, protestou de uma freguesia rural onde não apareceu ninguém com terrenos mais fáceis, que permitis-

sem poupar tamanha regularização das terras.

A verdade, porém, é que as casas são sanatórios e melhor terreno apareceu logo em frente, à beira da estrada, onde de mais nada foi preciso do que abrir caboucos e começar.

A paróquia é pequena. De casas está provida. O Pároco sonha agora com um pequenino Calvário paroquial. Seria a cúpula. Casas, Centro de Assistência com patronos, cantina e consulta médica... E agora um pequenino Calvário. Oh freguesia perfeita! E o pároco sonha... Quem da Livração, algures neste mundo de Deus, ajuda o acordar feliz daquele sonho?

Dali a Amarante foi um salto. Se eu fosse a dizer o que vi e o que ouvi, era o jornal todo por minha conta. O que vi de miséria e o que vi de vontade de a remediar.

Já ali são dez casas habitadas; mais quatro em construção; e duas, que a esta hora já devem estar começadas.

O que mais impressiona naqueles padres e vicentinos é a decisão.

«Já gastamos 150 contos e não sabemos donde eles vieram». Por isso não estremecem pelos vários 150 que ainda não de gastar, até não haver mais famílias em currais, como aquele, onde para haver luz (que nunca directa do sol) é preciso haver corrente de ar, que já custou pneumonias.

Esta é mesmo a grande conquista do Património e o grande fruto da pedagogia viva de Pai Américo: «Metanoia» — viragem de mentalidade.

Quando todos tivermos a certeza de que as cortelhas são uma violação dos direitos do homem, nesse mesmo dia enche-nos a Justiça de Deus. É o fim da idade do tugúrio. Recomeça a despontar o sentimento da fraternidade universal em Cristo, nesta cristandade dormente que nós somos. O dinheiro, é o pequeno resto que está prometido, por acréscimo. Não se sabe de onde virá, antes de vir. Não se sabe de onde veio, depois que veio. Esta é mesmo a ciência inútil. «Primum regnum Dei...»

Guimarães dá só por si uma notícia. Que abismos se escondem em seus preciosos muros! De outra vez falaremos de Guimarães.

Dali seguimos a Braga onde foi um bocadinho de saboroso convívio com os vicentinos de lá. Não digo com este nem com aquele. Quando aqui em casa se fala de vicentinos e estes são de Braga, fala-se nos «Vicentinos de Braga». Eles são uma instituição.

Dormimos em Ponte da Barca. De manhã, ao liquidar a conta, encontramos-a paga. Esta viagem foi a minha iniciação no encontro das nossas contas pagas. Tive alegria! Não pela importância do dinheiro... mas porque, afinal, é justo: nós calcurreamos os caminhos de Portugal ao serviço dos Pobres de Portugal.

Em Ponte da Barca são já 16 casas. Eu beijo a mão daquela vicentina, o «herói» desta pacífica batalha. Vi-a, fidalga, chegar ao pé dos pobres e abraçá-los e deixar-se abraçar e beijar por eles. Chamar a cada um pelo seu nome e a todos perguntar pelo seu problema.

No regresso mandamos-lhe uma migalhinha do que nos dão. O seu agradecimento transbordante, não há palavras que o digam.

É bem verdade que Deus revela às almas simples segredos que os sábios deste mundo jamais conhecerão!

Monção dará que falar a seu tempo. Agora é a gestação de grandes obras.

Voltamos pela beira mar. Paramos de novo em Gondarém e em Marinhãs, a provar a altíssima Pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em Viana demos um abraço ao Padre Constantino. Em Matozinhos outro ao Padre Grilo. E acabamos nosso dia em Miragaia com as Criaditas dos Pobres rindo a perder, daquela Alegria — dom divino aos que tudo deixaram e se deixaram.

Venda do Jornal

A chegada deles é a hora cheia de sempre. Hoje, porém, havia caras comprometidas. O «Banana» adianta-se e diz que vou ficar triste e passa a palavra ao Roque que é o mais velho e toma conta da venda.

Assunto de tristeza: Retratos de jogadores e emblemas desportivos. É o «Lampreia»; é o «Bombeiro». E parece que «Faisquita» está implicado. Eu também tinha as minhas razões duns passeiozitos à margem da venda e «à pala» dela. Houve várias carapuças enfiadas.

Foi-se ao mapa da venda e novo capítulo surgiu: Acréscimos. Acréscimos tão pequenos numa venda tão razoável, que eu perguntei a todos se algum acreditava ser possível e ninguém me disse que sim. «Peixeira» não estava mas vai ouvi-las no tribunal aferroado que logo vai ser.

Outro, foi perguntado. Os olhos encheram-se de lágrimas. Só a mim, ele virá contar-me como foi.

Isto são contas do nosso rosário quotidiano. «O dinheiro é tão bonito...» A carne tão fraca... E depois as rasteiras multiplicam-se em toda a sorte de objectos tentadores... E agora eu aí com um maço de retratos de jogadores que vão «morrer» na fogueira. Oh se vão!

De resto a venda continua bem e animada. Eu não tenho cortado os protestos do «Banana» quando é ele a assinar esta local, porque sei que as quei-

xas nascem de uma insatisfação e contínuo desejo de melhor. Mas a verdade é que estamos a vender duas vezes e tal o que vendíamos até Julho passado. Eram quatro mil, a custo, e agora andamos nos nove mil.

Continui pois o «Banana» a ralhar. E os senhores escutem-no e cumpram. Eu também ralho com os vendedores, que sempre podem fazer mais do que fazem. E com todos estes ralhos, cá dentro, louvamos a Deus.

Facetas de uma Vida

Continuação da 1.ª página

mim?! Quanto não estimei aquelas palavras, de sabor aos tempos da Beira! Assim como foi o meu intermediário para eu ter aqui chegado, seja até ao fim!

Um abraço cheio de saudades e muita gratidão. P. Américo.

Pouca dura teve o prazer do nosso convívio.

Um rico proprietário e importante comerciante do distrito de Gaza, Manuel Mendes, residente no Chai-Chai, convidou-o para inspector de todos os seus estabelecimentos e das cantinas espalhadas pelo mato, pois precisava de descansar. Tinha confiança na sua honestidade administrativa e noutras boas qualidades que possuía.

Assinou-se o contrato que dava ao Américo 50 libras esterlinas mensais e percentagem vantajosa nos lucros do ano. Quis, porém, visitar primeiro a família, e partiu para a Metrópole.

Manuel Mendes, para apressar o seu regresso, pagou-lhe a viagem e telegrafou a chamá-lo. Contava com ele.

Em Lisboa, antes de embarcar, foi ao teatro, e ficou tão enojado do que viu, que resolveu dar novo rumo à vida e voltou a casa na intenção de se fazer franciscano. O bispo, seu amigo, era também franciscano.

Ninguém sabia do Américo. Em Lourenço Marques bordaram-se versões, que não passavam de romances. Uns consideravam-no na Austrália e outros na Inglaterra, mas todos se enganavam. O Américo tinha atravessado a fronteira e entrado no colégio franciscano de Tuy, onde estudava latim. Foi seu professor o P. Alvano Alves, abalizado latinista, que já em Itália havia ensinado esta língua. Não deixaram de ser bons amigos e, coincidência singular, a morte levou o P. Alvano na véspera do dia em que faleceu o Padre Américo, depois de este o ter visitado uns dias antes no hospital de Jesus, em Lisboa. No intervalo de poucas horas ambos voaram ao Céu.

Em Tuy reparava o castigo que lhe dera o pai ao haver-se recusado a continuar os estudos. Foi marçano num estabelecimento comercial da cidade do Porto e dali abalou para Moçambique, onde tinha família, em procura de melhor e mais rendosa situação.

† Rafael, bispo de Limira

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Aqui vai uma carta de Moçâmedes:

«Já em vida do Pai Américo tive desejos de fazer o que, com remorsos, só agora estou fazendo.

Envio o nome e direcção dos operários da firma Auto-Mecânica, L.da afim de que os registem como assinantes.

A Auto Mecânica é uma oficina de serralharia civil da qual meu pai e marido são os sócios únicos. Eu sou guarda-livros e caixa, e por isso estou em contacto com todos os empregados, junto dos quais posso exercer apostolado, posso e devo e assim comecei por lhes propor que assinem «O Gaiato» que foi muito bem aceite por todos, a maioria dos quais naturais aí do Porto.

Como vê não devem desanimar, embora o mundo na sua maioria se componha de corações duros e indiferentes, como o meu, mesmo estes acabarão por se converterem ao vosso ideal, ao ideal do nosso Pai Américo, ao mandamento da Lei de Deus — amar o próximo como a nós mesmos».

E a procissão continua. De Avintes um postal: «Tenho facilidade de arranjar assinantes e eu como admirador da Obra da Rua quero colaborar. Só tenho pena da vida estar tão mal. Peço o favor de me enviar a lista para assinantes a ver se será mais fácil convencer os incompreensíveis a ajudar a grande Obra nacional que pertence a nós todos por dever moral e católico». Prezado leitor: «convencer os incompreensíveis» é uma grande e santa tarefa — é acção católica. Ora «O Gaiato», por mercê de Deus, é e será um ótimo meio de levar a milhares de almas ao fogo de Cristo. Continui. Continui sem desfalecimento.

Se quem faz a «Campanha» são os leitores, então prestemos atenção a Xinavane, África Oriental Portuguesa: «Sou vossa assinante há muito tempo e como quero cooperar na Campanha dos 50.000 já aqui arranjei mais uma família que também quer ser assinante e que me pediu para vos escrever pedindo para remeterem mais um jornal». Parece que a chamada surte efeito. Vem lá África! O continente negro! A gente não duvida. Porquê? Lá como cá, o português é o mesmo. Mais: a distância gera saudade e também muita generosidade. Ora é da generosidade de muitos e bons portugueses em terras da nossa África que nós precisamos, para um «O Gaiato» mais divulgado e por conseguinte mais lido.

Agora vem lá o Brasil. Devemos uma palavrinha à Casa Minerva, de Santos. Sim. Devemos-lhe uma palavrinha. Mesmo com o cruzeiro na mó de baixo... de vez em quando chegam cartas, ora com paga de anuidades, ora com assinantes novos, muitos deles com dinheirinho à frente! Até dá gosto mirá-las e remirá-las e soltar um viva à Casa Minerva!

E pronto. Não podemos ir mais longe, que os cronistas refilam. Do mais que há para dizer continuamos na próxima. Entretanto esperamos que a «Campanha» seja um motivo das vossas conversas e das vossas reuniões. E não percam tempo. Basta um pouco de ousadia. Vencida a inércia principia a colheita. E vamos prós cinquenta mil!

Julio Mendes

Chales de Ordins

De futuro esta secção sairá mensalmente. É um pedido — ordem do Senhor Padre Carlos. Por outro lado, sendo em torrente as encomendas, ter-se-ão de redigir os artigos quase telegraficamente, senão o jornal falará só de chales.

Quase todos já sabem que os chales de Ordins só para Ordins — Paço de Sousa se encomendam. À cobrança, não. Alguns, porém, têm feito seus pedidos para a Casa do Gaiato. Resultado: todos os dias Sr. Padre Carlos me devolve a correspondência. E eu que o ouço. Ora vejam os senhores o que ele escreveu: «e os selos quem nos paga? E os envelopes? E o tempo precioso? E o trabalho?»

Mas há mais. Há dias pedia um «chale grande sem grade castanho claro. Não havendo pode ser: castanho escuro ou beije. 125». Quanto à direcção nada. Apertado, escreveu-me, a livrar-se de apuros: «deve ser para... mas não juro que seja. Será melhor talvez escrever um postal e perguntar se sim ou não. Desta vez mereço um puxão de orelhas. Confesso. É a 1.ª vez». Ora assim não acaça os dez por cento.

No Palácio de Cristal foi a Exposição Agrícola. Chales de Ordins lá estavam. As encomendas ultrapassaram todos os nossos cálculos. Daqui o ter de esperar. Quem encomenda com tempo acerta.

Padre Aires

Da que nós necessitamos

Pronto. O assunto tinha de ser e foi resolvido. A hora em que escrevo, a velha Planeta jaz parada há quase dois dias. A custo conseguimos jornais para a venda. Os senhores assinantes continuarão a gemer: «Faltou-me este número»... «Passaram tantos dias da quinzena e ainda não recebi»... Não são protestos; são os desabafos de uma falta bem sentida. Como o caso tinha de ser resolvido, foi mesmo. Júlio informou-se no Porto. Deu um salto a Coimbra. E decidimo-nos. É uma «Joanishberg». Uma automática «que manda chover», na linguagem típica da nossa malta. Afinal, não chega aos quinhentos, mas aos quatrocentos sim, com as alcavalas da montagem. Temos portanto de emendar o saldo do último Famoso. Em vez de

487, faltam 387. Faltavam — digo melhor — porque de então para cá vieram 20\$ de sobras de uma conta, 500\$ «para ser aplicado no que for mais necessário», que é a automática. E agora é que começa a corrida para faltar cada vez menos. Temos a certeza que os leitores não nos vão deixar correr sózinhos.

Mais 310 do «Grupo de Crentes em N.ª S.ª de Fátima» e 240 das sobras do passeio anual do grupo «Não chega para mais».

Os nossos Pobres têm hoje lugar concorrido nesta secção. Além dos costumados «sócios» da «Viúva de 8 filhos» e da Viúva da «Nota da Quinzena» e da «Mãe do filho que barrega», 300 no total, vem a conhecida «Cruz» da Beira com dois pacotes de roupa

«que é de gente saudável e pode ser usada sem receio». E, ainda com o mesmo fim, mais 100 dos C.T.T. da Beira e outro tanto de Lourenço Marques «em nome de meu filho Sérgio» e o mesmo e cinco vezes mais para o Barredo.

Também para os Pobres, «duma mãe que crê em Deus» e tira 20 do seu modesto ordenado; e 100 de Caminha «para a minha velhinha» e outros 100 de «uma mãe portuense» para roupas de criança. «Porque sou mãe, dou valor ao que as mães dessas criancinhas devem sentir ao vê-las transidas de frio e sem ter com que as agasalhar». Isto é a vida cristã, uma vida toda de valores positivos. «Farás aos outros o que querias que te fizessem a ti».

De promessa e em acção de graças, 500, e o anúncio de outro tanto às prestações de 100 cada mês; e 50 e o dobro de Valinha e o mesmo da Berta e de «uma noiva» outros 100 e metade de Aveiro e 10 de «uma mãe muito agradecida ao nosso Pai Américo».

É a vez da gente trabalhadora. 95 do pessoal da Adico, que continua a dizer presente semana atrás de semana. Os presos de Santa Cruz do Bispo «recolheram entre si 582\$50 que entregam para auxílio da Obra da Rua». Graças a Deus que a sensibilidade ao bem se não perdeu nem na colónia de Santa Cruz do Bispo. Logo aparecem os funcionários da Polícia Internacional com mil e cinquenta. «Uma pequenina lembrança de 15 empregadas»: 70. São do Porto. Tudo pequenino: o grupo, a oferta... E uma coisa grande: a dedicação a uma Obra. Mil trezentos e oitenta e seis de dirigentes da Assistência Social da L. P. e 227\$50 dos «operários da centenária fábrica Thomaz Cardoso».

Os Estados Unidos têm sido muito lembrados ultimamente.

Não é só a manteiga e o queijo da Cáritas. São dólares. Dólares de portugueses que não esquecem a pátria. \$1 de alguém que pode descansar que nada se perde de quanto traz o nosso endereço. Mais \$5 de Newark e \$4 de Pech-hill.

Por intermédio do «Comércio do Porto» 120. Roupa da Beira e camisolas e outros artigos de malha de Lisboa, dum conhecido automobilista que é industrial destes artigos e promete voltar, «logo que possível». Mais roupas «de meus filhinhos». Estas roupas parecendo piores por serem usadas, são melhores porque trazem consigo o bafo de mãe.

De Souselo 50 e 20 «por devoção»; 400 da Beira em cheque; Covilhã 100 e uma oração pedida aos batatitas pela saúde de uma pessoa querida. 50\$ de Vila Chã de Ourique, 20 de «uma humilde criada com família para ajudar». Outros 50 «duns trabalhos que fiz»; 125 de J. F. de Lisboa;

Continua na quarta página

Aqui, Lisboa!

Lisboa merece uma visita aos belos monumentos que se espalham pelas suas sete colinas. Em todos eles o vagar pode ser útilmente preenchido, contemplando coisas de valor. Quem sobe a encosta da Ajuda e entra no palácio majestoso que ali se ergue, vai descobrir debaixo das arcadas deste várias esculturas de pedra que o tempo escureceu. Uma delas de olhos vendados e espada nas mãos — é a justiça. Lembro-me de a ter mirado, em dia que ali estive a espreitar, e da impressão que guardei. Continuei a vê-la, no regresso e ainda hoje deparo com ela nos recantos sombrios dos bairros citadinos, abrindo com a espada feridas que sangram. No encalço, topo muitas vezes os vicentinos a remediar. É que a justiça não é remédio, nem solução só por si, na mão dos homens. Precisa de atenuantes, de amortecedores.

Estabelece perpendiculares com os golpes da espada e coloca os homens hirtos diante uns dos outros.

A justiça falta a caridade, que age em sentido horizontal, que aplana.

A justiça pode separar, criar a oposição e a revolta, porque acentua glacialmente as diferenças.

A caridade aproxima os homens, porque vê as semelhanças. Provoca a comunhão de sentimentos entre os homens, sejam ou não socialmente da mesma igualdade. Uma das vítimas da justiça glacial dos homens é o pobre do Zé da Póvoa. Outro dia, depois da ceia, fui mais este pelos becos escuros e tortuosos da Baixa até à barraca que o Zé já conhece de há tempos. Esta, aninhada na rectaguarda dum gigantesco edifício e esmagada por tamanha mole de cimento armado, abriga uma família de seis membros. O chefe, rapaz novo ainda, recebe-nos com afabilidade. A luz mortua do petróleo não deixa ver as feições, e muito menos a mágoa que, por detrás daquelas se esconde. Ela conta-nos a sua história. Trabalhou em lugar certo, levando vida modesta, mas equilibrada. Porém a doença pulmonar que cedo surgiu, não lhe permitia o rendimento bastante para o salário que auferia do trabalho, pelo que teve de ser despedido. Não rendia, era justo que não recebesse. Mas os quatro filhos de tenra idade, logo pela manhã pediam o pão e, na roda do dia voltavam a pedi-lo. A mulher, constantemente enferma, carecia de trato e cuidados. Entretanto a fonte de receita estancou. Não trabalhando, não recebia. E ninguém se podia levantar contra esta justiça. O salário existe em função do trabalho.

O Zé da Póvoa ouvira já isto que eu escutava. Não se conteve. Sofria com o sofrer do seu pobre. Fez sua a tragédia daquele lar. Por isso agiu logo, tratando de arranjar-lhe um cantinho, onde aquele, embora pouco, compenhasse, de algum modo, o que viesse a receber. Falou com o patrão. Este concordou. Sabendo que ia ser corrido, concordou que aquelas crianças precisavam de viver. E hoje daquele pouco já os filhos vão tapando a boca. A justiça de olhos vendados e espada em riste é implacável. Só a Caridade é benéfica... Tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Padre Baptista

BARREDO

Continuação da 1.ª página

Depois, o bairro é pequenino. Quanto me lembrei da Curraleira e da quinta dos Peixinhos e de Moscavide! Ai Lisboa, terra de fachadas tão bonitas e interiores tão tristes!

Comecei pela «barraca dos tapetes». É que há ali um moço, de aspecto forte e sete costelas a menos, que faz tapetes das cordas que arranja nas embarcações de Matozinhos.

A mãe é uma mulher de meia idade, viúva, que conserva toda a dignidade de dias melhores. Gosta-se de falar com ela. Da primeira vez que ali estive, foi a minha «cicerone» no bairro. Hoje, porém, estava na fábrica. Grande parte destas mulheres trabalham nas conservas. As suas vidas dependem do mar.

Atrás, num cabeço, tomava

sol um homem que não deve ser, mas parece velho. Doente, não pode ir ao mar. O sol dá-lhe as calorias que nem sempre o alimento dará. A barraca dele contrasta com a primeira. Só, com dois filhos pequenos, este homem deixou-se cair no ínfimo das exigências humanas.

A sua barraca não se descreve, nem se suporta além de uns segundos.

Quase sempre é a trágica consequência da miséria esta decadência dos pobres em níveis sub-humanos. Depois, para os reelevar, que prodígios de esforço e de Graça não são precisos! Se nos ocupássemos mais em prevenir, não haveria tanto para remediar. É ainda tanta a gente esquecida destes deveres religiosos, na doce ilusão...

Fui até ao fim do bairro. Além do lavadouro a cair são já casitas modestas de pedra e cal. Na volta trazem-me pedidos. «Ali, naquela barraca. Está o homem doente e é tanta a miséria...»

Entrei. Tudo aseado. Um corredorzito faz de cozinha. Mais uma salita — quarto dos pais e outro quartito das cinco crianças. Homem novo e já embranquecido. Não precisa de dizer as suas dores. A posição do corpo e a expressão da face dizem-nas suficientemente. À pergunta de qual o seu emprego, responde: «Carregava sacos de 100 quilos». Ele, um homem franzino! Agora, uma pontada não o deixa. São injeções e comprimidos. As suas dores junta-se a dor de 5 filhos sem a certeza do pão de cada dia. É assim a vida dos Pobres, feita de inquietação e incerteza. Feita de dores que arrastam dores.

Era quase meio-dia. A neblina levantava. Ali, a dois passos, as ondas morriam na praia. Entre o abismo do mar e o abismo de «Xangai», o mundo passava desatento.

COBERTORES

O frio vem aí. Duas ou três manhãs já nos mostraram os telhados alvos. Depois... é o Natal que se aproxima.

Tudo isto nos lembra o «Senhor dos Cobertores». Aqui em casa, há «senhores» e «senhoras» de tudo e de todos. É uma riqueza para nós. Gente que veio uma vez e torna segunda e terceira e promete tornar até que Deus queira. É uma riqueza, não tanto pelo que dão, como pela virtude da perseverança com que dão.

Ora o «Senhor dos Cobertores» é um destes.

Há dias no Lar, a senhora já falou que os rapazes pediam mais um cobertorzinho na cama, e que nos dias de venda, com os rapazes do jornal, se via e desejava. Eu mandei esperar. Esperar pelo «Senhor dos Cobertores». Por nós, confiamos que ele não tenha mudado de casa, nem de parecer.

Tribuna de Coimbra

Continuação da primeira página

nossos rapazes. E todos os portugueses estão disto convencidos, embora nem todos estejam em condições do mesmo.

Há dias, muito de passagem, visitamos alguns menores conhecidos e internados num estabelecimento oficial de reeducação.

Os dirigentes dessa casa são apaixonados e doados aos rapazes. Estão cheios de boa vontade. Contudo notamos que os rapazes não estavam à vontade. Um deles, que me conhece há muitos anos, esteve em sentido durante a conversa. Pareciam sentir-se oprimidos.

Porquê? Pelo número grande de menores internados na mesma casa, pela monotonia da farda, pelo aglomerado de camas na mesma sala, pelos números porque são chamados, pelos monitores estranhos, pelo mesmo horário de todo o

ano, por tudo o que não é vida familiar.

Ainda há bem pouco tempo um deles escrevia a agradecer uma visita que lhe fizemos e que foi a única visita familiar como ele mesmo dizia.

Contudo, somos testemunhas de que não falta ali o carinho, nem a boa vontade dos que dirigem; mas o carinho e a confiança ainda estão nas formas clássicas.

Falta ali o ambiente familiar.

As Casas do Gaiato dão testemunho. As dezenas de visitantes de todos os dias são testemunhas. Tudo e todas as coisas que nos chegam para sustentarmos, educarmos e orientarmos profissionalmente 500 vidas, são prova evidente da nossa confiança.

Padre Horácio

AGORA PELAS CASAS DO GAIATO

De Lisboa chegam notícias fermentadas. Andam por lá inquietos a inquietar. Aqui informamos os interessados que a «casa dos correios» vai ser em Fanhões e que Padre Baptista procura terrenos no Zambujal, onde são muitos os necessitados, para dar cumprimento a outras casas já realizadas. O Pessoal do Banco Borges & Irmão apareceu há muito já com uma casa. Por esquecimento só agora se dá notícia. Mais empregados bancários. Estes são do Banco Ferreira Alves e dizem «sim» com 860\$.

Mudemos outra vez para os correios. Estamos no Porto. Pessoal do E. C. C., 887\$20. Agora, Paio Mendes. É uma professora de lá com 190\$ para a casa dos professores primários. E o pessoal do Grémio de Panificação do Porto, manda, por Setembro e Outubro, 344\$50. Atenção aos grupos recreativos. Os «Arregaçados» do Porto, deixam-nos 1.000\$ para a Casa das Colectividades Populares do Porto e ficam para si com muita pena de não poderem dar mais. Para esta casa, todos os grupos que vieram na excursão organizada pelos «Bairristas do Palácio», juntaram 7.874\$. Mais 280\$ dos «Amigos da Mazorra» e 325\$ da filial do Porto da Agência Havas e 533\$50. Pomar de Santa Catarina, resto do primeiro pedidório feito naquela rua, ainda por Pai Américo.

Um licenciado com 20 para a casa dos ditos. 70 de Fontelas e 30 para uma telha de um atrazado confiante que a «Divina Providência não deixará

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª página

e 20, do Porto, de alguém que espera continuar todos os meses antes do dia 8, com tanto cuidado como se esta renda fosse a da casa. Igual migalhina de todos os meses de Soure.

Do Hospital de Santo António a direcção deliberou devolver as contas dos curativos aos que seguíam com Pai Américo no dia do desastre. Do Minho peças de cotim e riscado e retalhos de flanela «recordando o dia 6/XI/93L». Mil de Águas Santas, de uma nova assinante que pede a Deus o dom da paz.

A Casa Alípio Dias, de Mouzinho da Silveira, há muito que tomou a seu cargo as nossas sementeiras. É Paço de Sousa, é Beire, é Miranda do Corvo. Ainda agora foram 30 litros de fava e 60 de tremoço bravo.

E 200, «em memória de minha mulher, em cuja companhia, se fosse viva, estaria hoje festejando o 22.º aniversário de casamento. Suponho ser esta a melhor lembrança que lhe posso hoje oferecer». Sim, aqui fica a notícia da «melhor lembrança» que une ao amor do próximo, a recordação delicada do amor conjugal.

mais que eu tenha faltas com tão grandiosa Obra».

Mais mil escudos de «uma mãe aflita», com os quais perfaz seis mil e a alegria de meio caminho andado. Outra casa que chegou ao fim: É a «casa n.º 2 ao bondoso P.e Cruz». Eu sei quem é: Uma mãe de muitos filhos. M. M.—A. L. envia a quarta prestação de mil. J. L. para a casa «À minha noiva», metade. É a 6.ª prestação.

Outra quarta prestação. É de 70\$. «Se Deus me ajudar, seguir-se-ão todas as suficientes até atingir o montante preciso». O sahor destas prestações pequeninas que obrigam a repetir a cristã condicional: se Deus me ajudar. Deus o ajude—pedimos nós.

Mais mil para a Casa Avillez que já deve ter passado um bom bocado a meta dos doze. Outro recordista: O pessoal da HICA, 2.026\$50.

Do que fuma menos 20\$ por mês, esta quantia. O mesmo dos irmãos Morais. Cinquenta de Gaia e dez vezes mais de «Maria» e 300\$ entregues no Lar.

Ecoss do Gerês

Cá nos encontramos de novo, de linguadados em punho, a dar as nossas impressões do Gerês. Outra vez os figados castigados por estas águas tão provadas por portugueses e estrangeiros.

Mal aqui chegámos fomos fustigados pela chuva. Festa aliás de que pouco gostamos.

Cumprimentamos o senhor E. neste Baltazar, velhos amigos e novos ganhamos. Jantámos. É para isso que trabalhamos. Estas paragens com a chuva são muito tristes. Até nos deu vontade de voltar para trás, mas a saúde é preciosa. Não se compra por dinheiro algum.

Mas isto não podia ser sempre assim e lá chegaram os dias bons, cheios de sol. Do sol tão lindo de Portugal. Parece que sofremos uma transformação. Estamos satisfeitos pois a alma está contente.

Hoje, quarta-feira, acordei muito bem disposto. Tomo uma banheira. Equivo-me à tirone. São oito horas. O sol espicita-nos por cima da colina.

Cumprimento ao Senhor Silva do Porto, Manuel da Pampilhosa do Boto, António de Espinho, o Senhor Pereira e o senhor Leão, a pessoa mais alegre do grupo, pois havia fogo na canjica, novos conhecidos, mas velhos e dos bons amigos da nossa casa. Passámos umas boas horas a cavaquear com estes bons amigos.

Depois do almoço, todos bem dispostos, carrinha do Sr. Silva I, (pois Silva II, sou eu), em andamento e fomos visitar a Barragem da Canjica. Desta vez foi interior, pois exteriormente já estávamos fartos de conhecer.

Chegamos e ainda tivemos de esperar um bom bocado pelos outros carros, que não puderam acompanhar a nossa marcha irresistível. Alguém ainda pensou que se tivesse enganado no caminho mas apenas havia este... Esta estrada está hastante má. Para romper «meias solas»...

Paradela está cada vez mais bonita, graças ao trabalho e bom gosto dos superiores desta organização. São as casas dos operários com um tipo muito alegre, graciosas rampas, jardins por todos os lados, a majestade da Barragem a dominar.

Entrámos na sala de comando, que controla com a maior perfeição possível, todos os movimentos desta grande obra de aproveitamento de energia que contribui em larga escala para o progresso da Indústria Nacional. Desce-mos umas escadas, modernamente revestidas de marmorite e fomos ao poço de aspiração do túnel, que vai levar as águas, depois de utilizadas,

PAÇO DE SOUSA



Mais um irmão que partiu. Foi o António Sérgio, que foi nosso durante muito tempo.

Foi num desastre de moto, onde seguia com seu irmão, que ele fechou as contas desta vida e foi apresentar os talentos ganhos ao Todo Poderoso.

«A morte vem como um ladrão. Sem ninguém dar fé e quando menos se conta...»

Seguiu para a beira dos que já tinham partido e um dia, todos lá nos encontramos.

Não o podíamos esquecer de maneira nenhuma. Apesar de já não estar sob as nossas telhas, era na mesma nosso. Juntamo-nos todos na capela, onde o Sacrifício foi pela paz da sua alma.

Paz à sua alma.

—Um de Novembro. Na véspera, juntaram-se a nós os rapazes do Lar do Porto que ficaram distribuídos nas várias casas da nossa cidadezinha.

À tarde foi o nosso tradicional magusto, no campo de futebol. Cada casa seu monte de lenha, fogo a esta, castanhas no meio e as famílias à roda à espera. À medida que se vão assan-

do, a malta vai-lhe tratando da saúde, juntamente com uma cântara de vinho, cuidado pelos do campo, para desempoeirar...

Acabou este acto. Lavamos as mãos e ajeitamos o nó da gravata. Reuniu a família inteira. Vamos ao cemitério em Romagem de Saudade. Aqui estão os corpos ou cinzas de alguns irmãos e o do querido Pai Américo está no meio. É à beira deste que nos juntamos para rezar o nosso terço. Neste momento também não esqueçamos os nossos irmãos da Hungria que estão sendo vítimas da agressão, oferecendo seu sangue pela liberdade e direitos do Género Humano. Este momento difícil que a Humanidade atravessa só é devido à falta de Amor, de respeito pelo próximo.

Começamos o nosso terço. No meio dos mistérios são cânticos adequados.

Silêncio. Muito silêncio. Apenas se nota o crepitar das velas entre flores. O que nós somos... Como nos sentimos pequeninos! Como somos nada! A noite fechou. Neste tempo vem de repente. Estamos uns momentinhos à beira das últimas moradas cá na terra do querido Pai Américo e irmãos que já partiram e estão formando um luzeiro que nos há-de mostrar o caminho direito da vida fora.

São estes que há-de alimentar o fogo da Casa do Gaiato, para que desta se dilate e chegue a todos os recantos. E, todos nós, que aqui nos encontramos, temos obrigação de atender à sua voz, estar atentos à sua chamada.

Dia de todos os Santos! Nunca em nenhum dia do ano os cemitérios são tão visitados. E são todos. Há não sei quê de misterioso que lá nos atrai. Não há pobres nem ricos. Uma grande certeza: «o homem é pó e em pó se há-de tornar».

A vida corre veloz, numa ância febril, mas em chegando aqui, pára. É o ponto final da acção humana.

Vimos aqui todos os anos para recordar os entes mais queridos. É a ronda da saudade! Grande força que nos domina. Estamos a acabar o terço. Grandes, pequenos, médios, muitos filhos, juntinhos, na certeza de estarem juntos do Pai. Este vê, ouve, escuta-nos e não nos falta.

Daniel Borges da Silva

COIMBRA

—No dia 4 do corrente, celebraram-se nesta cidade, com grande brilhantismo, as Bodas de Prata do Senhor Arcebispo.

Como não podia deixar de ser, foi também para nós um grande dia de festa.

Foi feito entre nós todos um ramalhete espiritual, a missa desse dia foi também pela mesma intenção e fomos assistir às solenidades desse dia, não só os deste Lar mas também um grande grupo da Casa de Miranda.

—Da última vez que escrevi para o jornal, lembrei aos nossos amigos a conferência Vicentina. Julgamos que fosse o necessário para que de todo se não esquecessem e nos enviarem o vosso auxílio, mas esperamos e até hoje nada. Ainda ninguém se lembrou. Temos de lembrar de novo e dizer a cada um que meta a mão à consciência, comparando a sua vida com a de tantos que não têm quem lhes estenda a mão, a ver o que lhes diz. Se todos meditássemos no nosso Irmão Pobre, não haveria tanto egoísmo nem tanta miséria.

Ainda não há duas semanas nos faleceu um pobre que socorriamos. Era cego e velhinho e já há muito não saía da cama, do leito do seu sofrimento.

Sofreu muito mas acabou enfim a hora do seu sofrimento neste mundo, para ir gozar a felicidade eterna, dei-

te, por Trás-os-Montes, com Montalegre em primeiro plano. Cá no cimo da serra está bastante calor. Faz-nos lembrar os dias grandes de estio.

Descemos. Pouco faltou para que a furgoneta se estendesse pela grande encosta, mas a pericia do condutor, todos os contratempos dominou com a maior calma.

Fômos à fronteira e entrámos mesmo no terreno espanhol e conversámos com os guardas.

Vimos para baixo a ver se o senhor Ernesto já tinha a «papa» preparada, pois já estávamos com vontade de comer!

Daniel Borges da Silva

xando a grande consolação de ter sido confortado com os sacramentos da Santa Igreja.

Agora é preciso pagar as despesas do funeral e que os nossos benfeitores se não esqueçam dos nossos pobres.

—Estamos muito gratos a quem fez o favor de nos enviar uma grande remessa de livros para o 2.º ciclo que nos fizeram um grande jeito.

Agradecemos também o envio sobretudo do livro de moral—O caminho, a verdade e a vida—ou quaisquer outros livros ou material escolar.

Carlos Manuel Trindade

LAR DO PORTO

—Já há muito que não escrevo as notícias deste lar para o Famoso, mas o Senhor Padre Carlos pôs termo à minha rebeldia.

No dia 23 do mês passado fomos ouvir missa pelos 69 anos do Pai Américo que já não os chegou a completar. Tivemos que perder algumas horas mas tudo assistiu à Santa Missa em memória daquele que fez o máximo que um pai pode fazer por um filho; e que há pouco subiu ao Céu, ficando o seu Amor preso aos nossos corações.

—Recebemos da Cáritas Portuguesa várias caixas de manteiga, queijo e leite em pó, que muito jeito nos veio fazer pois assim já podemos saborear o pão com manteiga e queijo. Muito obrigado a esta delegação de caridade e sempre que sejam precisos mantimentos Deus os ajude.

João Luciano

Engenheiro DUARTE PACHECO

Passaram treze anos. Treze anos sobre a morte do primeiro Homem das Arcadas que «viu» outro Homem e a Obra que este foi capaz de realizar. Ele «viu-a» antes que a Obra fosse. E Deus confirmou aquela «visão» e permitiu que a Obra fosse ainda além do que ele terá visto.

Há treze anos que a sua memória é colocada sobre o Altar da nossa Capela. Hoje mais uma vez se disse ao Céu «memento Domine animam famuli tui», na mesma simplicidade com que ele outrora despachou em atenção ao Homem e à Obra.

Notícias da Conferência DA NOSSA ALDEIA

23 DE OUTUBRO: Assim como em vida do nosso querido Pai Américo, no dia do seu aniversário, oferecemos um rico almocinho a todos os pobres socorridos pela nossa Conferência. Tudo correu bem. Tudo! Graças a Deus. Porém, sentimos a sua ausência física. Sentimo-la bem no fundo da nossa alma. Mas — quem ousa duvidar? — a sua presença espiritual foi a maior de sempre. Porquê? Está junto do Pai Celeste.

Foi sopa e conduto. Um prato cheio. Um prato farto. Vinho e pão em abundância. A sobre-resta, doce. Depois, um cigarrito aos fumadores. Senhora D. Ana — que assiste todos os anos — ofereceu regueifas e senhor P.e Carlos deu uma moeda a todos os presentes. A seguir foi na Capela. Na Capela da nossa aldeia. Todos juntos erguemos as mãos ao Senhor, presente no sacrário, e rezamos em sufrágio da alma do nosso Pai Américo. Quanto terá ele apreciado esta oração dos Pobres!

Júlio Mendes